

COVID-19: Uma dura sentença de morte

COVID-19: A harsh death sentence

Raquel de Oliveira BARRETO¹
Alexandre de Pádua CARRIERI²

Recebido em: 13/05/2020
Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

Não há como negar que vivemos tempos de aversão à velhice. Na medida em que valorizamos cada vez mais a eterna jovialidade, o lugar do velho na sociedade contemporânea é progressivamente diminuído, apagado. E o que dizer sobre esse momento de pandemia, em que acompanhamos essa população, até então invisibilizada, tornar-se o centro das atenções? Para grande parte dela, o coronavírus chegou como uma dura sentença de morte. Refletir sobre as diferentes velhices que coexistem em nosso país contribui para pensar as diferentes formas de vivência dessa pandemia. De modo geral, argumentamos que o modo como o velho tem sido tratado em meio ao contexto pandêmico, diz muito sobre quem somos enquanto sociedade.

Palavras-chave: Velhice. Velhos. COVID-19. Coronavírus. Sofrimento.

ABSTRACT

There is no denying that we live in times of aversion to old age. As we increasingly value eternal joviality, the elderly's place in contemporary society is progressively diminished, erased. And what can we say about this pandemic moment, in which we have followed this population, hitherto invisible, to become the center of attention? For much of it, the coronavirus came as a harsh death sentence. Reflecting on the different old ages that coexist in our country contributes to thinking about the different ways of experiencing this pandemic. In general, we argue that the way the elderly have been treated in the context of a pandemic context says a lot about who we are as a society.

Keywords: Old age. The elderly. COVID-19. Coronavirus. Suffering.

¹ Doutora em Administração. Docente CEFET-MG.

² Doutor em Administração. Docente Titular da UFMG.

Em um dos muitos noticiários na TV que abordam diariamente a temática da pandemia da COVID-19, um especialista da área médica respondia questões de telespectadores ávidos por mais informações. Uma, em especial, chamou a atenção porque começara assim: “Doutor, tenho mais de 65 anos, mas não sou velho...”. A pergunta se estendeu com a enumeração, por parte do telespectador, das várias qualidades que o afastariam dessa terrível condição: prática de exercícios físicos, rotina ativa, alimentação saudável, dentre outras, tudo o que o manual da melhor idade prescreve. Mas o porquê dessa fala ser tão comum, em especial nesse momento? Para grande parte dos velhos, o coronavírus chegou como um mensageiro que anuncia uma sentença de morte. Apontados desde o início como representantes do grupo de risco por excelência, o avanço da epidemia mundial traz temor e ao mesmo tempo evoca discussões angustiantes - por que não dizer perversas, tanto para os velhos quanto para aqueles minimamente sensíveis à realidade desses sujeitos no nosso país.

Não há como negar que vivemos tempos de aversão à velhice e aos velhos. Na medida em que valorizamos cada vez mais a eterna jovialidade, torna-se um desafio estabelecermos com eles laços de reciprocidade e de identificação. Para muitos, enxergar o velho é se dar conta da finitude que nos assombra, uma das poucas certezas da vida que insistimos em ignorar. E se a velhice é vista então como um processo de perdas muito mais do que de aquisições, não é de se estranhar que o telespectador queira a qualquer custo, mesmo antes de qualquer pandemia, distanciar-se dessa sorte. Será essa também uma das razões que justificam as atitudes violentas frente às pessoas de mais idade? Em especial neste contexto em que o coronavírus tem chamado a atenção para essa população, isso justificaria a aceitação e a disseminação de discursos de ódio direcionados aos velhos? Antes de prosseguirmos com qualquer reflexão envolvendo os velhos, cabe dizer que é preciso definir melhor de que velhos estamos falando, afinal, com coronavírus ou não, velhos são muitos.

Quando falamos sobre a velhice, de um modo geral, já nos atentávamos para as diferentes formas de vivenciar esse fenômeno considerando fatores como o território em que se habita, as condições socioeconômicas e culturais, o nível de acesso às políticas públicas, as particularidades de cada história de vida e familiar, dentre outros fatores. Tudo isso se junta em um emaranhado de forças que desenham o velho que cada um se torna constantemente. Trazendo essa discussão de múltiplas velhices para o cenário dessa pandemia, dizer que o vírus atinge a todos democraticamente, não passa de mais um dos mitos que nesse momento nos assolam. Embora a comoção pela grave situação que atingiu todo o mundo nos passe a sensação de que estamos todos no mesmo barco, é apenas uma sensação.

Podemos pensar na COVID-19 como mais uma força que se entrelaça nesse emaranhado chamado velhice e, nesse sentido, é apenas mais um fator dentre os que já enumeramos, que não os diminui nem mesmo supera. Ainda que unidos pelo medo da morte, a experiência de um velho de classe média-alta, com acesso ao sistema de saúde suplementar, com um histórico de vida marcado por alimentação adequada e pela facilidade na utilização das redes sociais para comunicação, é definitivamente diferente de um velho das classes menos favorecidas. Estes últimos, sem acesso à saúde e aos medicamentos necessários à sua sobrevivência, que como chefe de sua família se dedica às atividades informais para complementação da sua insuficiente renda previdenciária. Não é a mesma vida, não é a mesma sentença de morte.

Mas essa seletividade (que separa quem irá sobreviver ou não), que Boaventura Santos (2020) bem lembrou como uma espécie de darwinismo social, não é um privilégio dos velhos, pois as pessoas de uma forma geral são atingidas de modos diferentes pela doença. A questão é pensar que, nesse caso, estamos falando de uma população historicamente estigmatizada como sem valor, em um momento em que ela aparece como imunologicamente mais vulnerável e, ainda, que preservá-la (ou não) por meio das práticas de isolamento social (ou parcial) tem sido usado como argumento para os efeitos devastadores do ponto de vista econômico. Mas o que esperar de uma sociedade onde prevalece o individualismo e que ignora os laços geracionais?

Nesse sentido, esse fenômeno da “velhofobia”, como bem lembrou Mirian Goldenberg (2020), não é para nós algo propriamente novo. Temos há algum tempo chamado atenção para o não-lugar do velho na sociedade contemporânea, algo que o coronavírus apenas tornou mais evidente. Vistos, nesse momento, como um peso que contribui enormemente para o caos que se instala no sistema de saúde nacional, as discussões mais recentes recaem sobre os protocolos de seleção que definirão os privilegiados a terem acesso ao que se tornou artigo de luxo em meio à pandemia: os respiradores artificiais. Em um contexto em que estes não estão disponíveis em número suficiente para todos, há que se fazer escolhas, ou melhor, sacrifícios. Com a clareza de quem executa uma operação lógica, qual a escolha que se mostra mais eficiente? Escolher entre jovens e velhos? E quando a escolha for entre a vida de dois sujeitos velhos? Qual será o critério? Não vamos entrar aqui em debates como, por exemplo, do campo da bioética, apenas queremos pensar a respeito de que sociedade é essa em que vivemos em que decisões como essa precisam ser tomadas. Mais do que isso, se assim elas se fazem realmente necessárias frente ao caos, cabe-nos pensar sobre a natureza real desses critérios.

Essa compreensão de produtividade como valor primordial decorre do modo de vida dominante na contemporaneidade marcada pelo capitalismo financeiro e pela ideologia neoliberal, frente aos quais, modos de vida alternativos são deliberadamente apagados. Na efervescência da pandemia em meio a esse modo de vida particular, vemos emergir a biopolítica, com a progressiva tentativa do estado de gerir e controlar os corpos e, de forma adjacente, sua atuação no campo da necropolítica definindo sobre o deixar viver e deixar morrer. Nesse contexto, o velho considerado como um recurso desatualizado e cuja utilidade é questionada, torna-se alvo privilegiado dessas políticas. Como um mal-estar ou um problema a ser resolvido, as mortes já contabilizadas, e as que probabilisticamente estão por vir, entram na conta do sacrifício necessário para a promoção do suposto bem-comum.

Essa tal lógica que empregamos diz muito sobre quem somos enquanto sociedade. Neste momento de sacrifícios, quem é o mais produtivo? Quem terá mais a oferecer com a sua vida? Afinal, quem vale mais? Não é duro demais dizer que são essas as escolhas que estão sendo postas à mesa. Perversas? Muito, mas, mais uma vez, dizem sobre quem somos: uma sociedade cujo valor está em quanto o sujeito é capaz de produzir ou o quanto é capaz de pagar por. Mas que fique claro, uma produção econômico-financeira. Talvez seja mais apropriado dizer que se vale o quanto se é rentável. Rentabilidade nada tem a ver com importância no contexto familiar e na produção da história; com o lugar da memória e da tradição; com o simples fato de que se tem ali um sujeito pulsante e que ali ainda há vida e desejo. Nada disso parece muito importar.

E como fica o sujeito frente a tudo isso? Não há como ignorar o sofrimento que emana de situações como essa. Para além da luta cotidiana mediante os estigmas e dificuldades provenientes da velhice, à sua desvalorização enquanto ser humano, o coronavírus trouxe ainda maior peso para essa população. Desafios significativos, por exemplo, no campo da saúde mental, com a incidência maior de quadros de adoecimentos como a depressão e as crises de ansiedade. Se a morte sempre foi para os velhos algo que se aproxima, sem avisar, a ameaça do coronavírus tornou tudo mais real, como um perigo que se avizinha. Retomando a discussão de que as velhices são múltiplas, interessa-nos pensar nos velhos já em situação de vulnerabilidade, mesmo antes da pandemia. Esses agora estão no limite da exposição e do risco. São velhos que, ao contrário do que se pensa quando se diz “eles já viveram muito”, ainda desejam, sonham e têm expectativas de, em algum dia, conquistarem uma vida melhor. Não tiveram “uma vida boa”, como muitos tentam argumentar na tentativa de estabelecer um posicionamento quase que moral de que eles deveriam mesmo dar lugar para os jovens e produtivos. Nesse sentido, não nos enganemos, a sentença de morte anunciada pelo coronavírus, para esses velhos, também não parece algo novo, apenas soa como mais intensa e perversa.

REFERÊNCIAS

- GOLDENBERG, M. Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Portugal: Edições Almedina, S.A. 2020.